

Os doze sentidos humanos e seus três campos de ação Rudolf Steiner

GA 206* Décima quarta palestra Dornach, 12 de julho de 1921

Tradução: Salvador Pane Baruja, 08/05/2026

Uso particular e sem fins lucrativos

Vamos continuar observando a relação do ser humano com o mundo. Para poder unir as observações dos próximos dias ao que apresentei nos últimos tempos, gostaria hoje de retomar um capítulo de nosso conceito antroposófico que abordei muito tempo atrás, o conceito antroposófico dos sentidos¹. Falei muito tempo atrás e repeti várias vezes que as ciências naturais observam, de todos os nossos sentidos, somente aqueles que, de forma grosseira, estão dotados de órgãos, como por exemplo, os sentidos da visão, da audição, etc.

Num sentido mais profundo, este método de observação não pode ser satisfatório, porque, por exemplo, a visão compreende um campo limitado das nossas experiências gerais, assim como, digamos, também o é a percepção do Eu de outra pessoa ou a percepção do significado das palavras. Como hoje em dia, em certo sentido, tudo está virado de cabeça para baixo, é absolutamente normal dizer que, quando nos deparamos com o Eu alheio, primeiro vemos a sua forma humana. Nós sabemos que temos essa mesma forma humana, que ela abriga um Eu, e assim concluímos que essa forma humana observada e parecida à nossa também contaria com um Eu.

Quando alguém assim fundamenta essa conclusão, realmente não tem a menor consciência do que existe na totalidade da percepção direta do outro Eu. Essa conclusão não faz o menor sentido. Pois, da mesma maneira como quando nos defrontamos diretamente com o mundo exterior e por meio da visão captamos uma certa área dele, assim também o Eu alheio penetra diretamente na área de nossas vivências. Assim como nos atribuímos o sentido da visão, também devemos nos atribuir um sentido do Eu. Deve-se registrar especialmente que esse sentido do Eu é algo absolutamente diferente do desenvolvimento da consciência do próprio Eu. O processo de conscientização do próprio Eu não é, realmente, uma percepção, e é completamente diferente do acontecimento que se dá quando percebemos um Eu alheio como tal. Igualmente, quando ouvimos palavras e nelas captamos um significado, isso tem um fundamento muito diferente do que quando captamos o mero tom, a simples sonoridade, dessas palavras.

1 Nesta palestra, Rudolf Steiner aborda por última vez a teoria dos sentidos enquanto tal. As seguintes palestras contêm as abordagens anteriores:

1909 *Antroposofia, Psicossafia, Pneumatossafia Conceitos fundamentais para uma Psicologia Antroposófica*, Obra Completa volume 115, três palestras foram lançadas como apostila pela editora Antroposófica, São Paulo, s/d.

1910 *Antroposofia. Um fragmento de 1910*, GA 45 Rudolf Steiner Verlag, Dornach, sexta edição, 2021.

1916 *O enigma do ser humano Os bastidores espirituais da história humana. História cósmica e humana I*, Obra completa volume 170, uma palestra foi publicada como apostila pela editora Antroposófica, São Paulo, quarta edição, 2012.

1916 *A essência do mundo e do Eu* GA 169 Rudolf Steiner Verlag, Dornach, terceira edição, 1998.

1917 *Dos enigmas da alma Antropologia e Antroposofia*, GA 21 Rudolf Steiner Verlag, Dornach, quinta edição, 1987, em parte publicado como apostila sob o título *Dos enigmas da alma* pela Sociedade Antroposófica do Brasil, São Paulo, s/d.

1918 As palestras de 24 a 26 de agosto em *A ciência do devir humano* GA 183 Rudolf Steiner Verlag, Dornach, segunda edição, 1990.

1919 *O estudo geral do homem, uma base para a Pedagogia A arte da educação, Vol I* Obra Completa volume 293 editora Antroposófica, São Paulo, sexta edição, 2018.

1920 *A Ciência Espiritual como conhecimento dos impulsos básicos da estruturação social* GA199, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, segunda edição, 1985.

Mesmo que, inicialmente, seja mais difícil atribuir ao sentido da palavra um órgão como se dá com o sentido do som e o órgão da audição, quem quiser realmente analisar o conjunto do nosso campo de vivências deve perceber que, nesse campo de vivências, devemos distinguir, de um lado, entre o sentido do tom, do som, da sonoridade, e, do outro, o sentido da palavra². Por sua vez, é diferente quando percebemos o pensamento de outra pessoa em relação à palavra, em relação às formas da palavra e em relação aos contextos da palavra. E, ainda, devemos distinguir entre a percepção do pensamento de uma outra pessoa e o próprio pensar.

Precisamente a maneira rude como hoje em dia são observados os fenômenos anímicos não permite analisar de maneira apurada o pensar que desenvolvemos como uma atividade interior de uma vida anímica, e a atividade dirigida para fora que fundamenta a percepção do pensar de uma outra pessoa. Certamente, para entender o pensamento que captamos de outra pessoa, devemos relacioná-lo a outros pensamentos que já desenvolvemos, portanto, devemos pensar. Mas este pensar é absolutamente diferente da atividade de captar o pensamento de uma outra pessoa.

Mas quando organizamos tudo o que existe no âmbito geral de nossas vivências, quando analisamos as áreas que realmente são diferentes entre si e que, mesmo assim, mantêm de certa forma um certo parentesco interior e por isso poderíamos chamá-los de sentidos, chegamos então aos doze sentidos do ser humano, como eu tenho frequentemente indicado. Hoje em dia, um dos mais fracos capítulos da nossa presente ciência é aquele que trata os sentidos a partir do ponto de vista fisiológico ou psicológico, pois, basicamente, fala-se dos sentidos de maneira genérica.

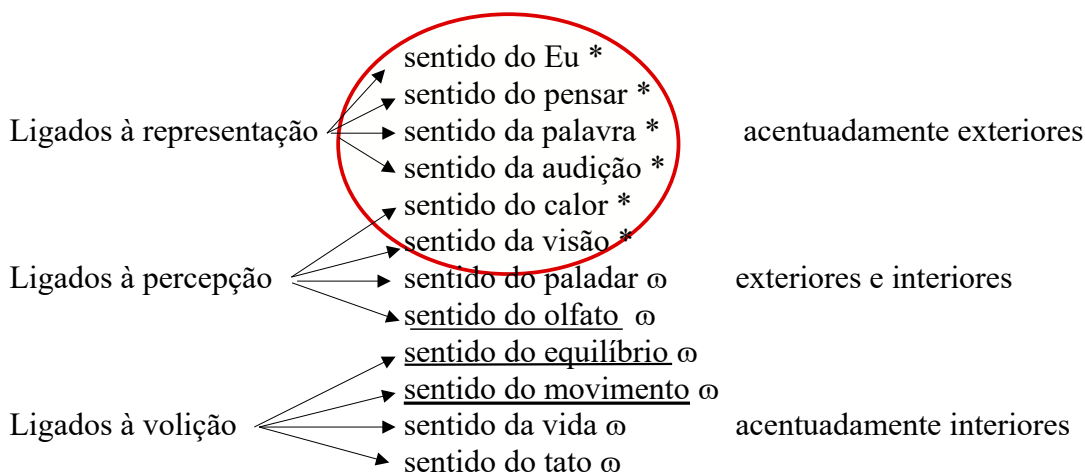
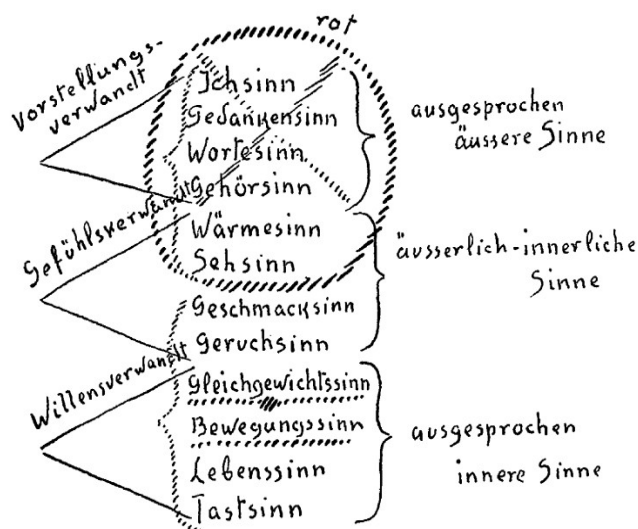
Evidente, o sentido da audição, por exemplo, é radicalmente diferente dos sentidos da visão e do paladar. Por sua vez, para chegar a um conceito claro dos sentidos da visão e do paladar, também devemos distinguir entre os sentidos da palavra, do pensamento e do Eu. A maioria dos conceitos utilizados pela ciência {convencional} quando se refere aos sentidos é de fato retirada do conceito do sentido do tato. E a filosofia já se acostumou, a partir dela, a formular toda uma teoria do conhecimento, que nada mais é do que a transmissão de algumas percepções relacionadas ao sentido do tato para a totalidade da área da capacidade de percepção.

Se analisarmos toda a área de nossas vivências externas da mesma maneira como analisamos, por exemplo, as vivências visuais, as táteis ou as térmicas, chegamos assim a doze sentidos claramente diferenciados entre si. Tempos atrás, eu os enumerei da seguinte maneira: primeiro, o sentido do Eu, que, como eu disse, deve ser diferenciado da consciência do próprio Eu. O sentido do Eu nada mais aponta do que para a capacidade de se perceber o Eu de uma outra pessoa.

Em segundo lugar, está o sentido do pensar; em terceiro, o sentido da palavra; em quarto, o sentido da audição; em quinto, o sentido do calor; o sexto sentido é o da visão; o sétimo, o sentido do paladar; o oitavo, o sentido do olfato; e o nono é o sentido do equilíbrio. Quem quiser realmente analisar, sabe que existe uma área muito restrita da percepção, assim como o área da visão, uma área restrita que simplesmente nos transmite a sensação de que como seres humanos estamos em certo estado de equilíbrio. Sem esse sentido que nos transmite a sensação de que estamos em equilíbrio, que flutuamos ou dançamos em estado de equilíbrio, nós não poderíamos de jeito nenhum desenvolver completamente a nossa consciência.

2 Ao renominar nesta palestra o sentido do tom, do timbre e da audição como o sentido (do) “sonoro”, Rudolf Steiner utiliza aqui e em outras passagens da palestra seguinte a expressão “sonoro” em oposição a silêncio e quietude. Assim, “sonoro” é entendido como sendo tudo aquilo que pode ser ouvido.

O próximo é o sentido do movimento. O sentido do movimento vem a ser a percepção de que nós estamos em repouso ou em movimento. Esta percepção devemos igualmente vivenciar em nós assim como vivenciamos a nossa percepção da visão. Depois, temos o sentido da vida e o décimo segundo sentido é o do tato (veja desenho abaixo)^{NT}.



As áreas dos sentidos que eu aqui assinaliei podem ser claramente diferenciadas entre si e, ao mesmo tempo, identificados os seus congêneres, que nós captamos por meio desses sentidos. É o nosso contato com o mundo exterior, o nosso contato discernidor com o mundo exterior, que nos transmite esses sentidos. Na verdade, de maneiras muito diferentes em relação ao exterior. Inicialmente, temos quatro sentidos que sem dúvida nenhuma nos ligam ao mundo exterior, se neste caso me for permitido usar essa expressão. Eles são os sentidos do Eu, do pensamento {NT: no original}, da palavra e da audição.

NT: Os desenhos aqui exibidos são dos artistas Assja Turgenieff e Hedwig Frey, a partir de desenhos de Rudolf Steiner feitos durante a palestra em 1921 e incluídos no final desta tradução.

Os senhores entenderão sem problemas que, de certa forma, toda a nossa vivência nos leva ao mundo exterior, quando captamos o Eu de uma outra pessoa, assim como também quando nós captamos o seu pensamento ou a sua palavra. No caso do sentido da audição, isso não fica muito claro, o que é mais uma consequência de que em todos esses sentidos é vertida uma espécie de contemplação abstrata de um conceito geral anuancado, que justamente vem a ser um conceito generalizador, uma idéia generalizadora do sentido da vida, e por isso realmente não considera o específico de cada sentido. Eu diria que, naturalmente, não é possível chegar a esses conceitos por meio de experimentos exteriores, pois para isso é necessário ter a faculdade de sentir a vivência.

O pensamento convencional não se ocupa de jeito nenhum, por exemplo, com a situação de que, como o intermediário do ato de ouvir é o ar em movimento, ele é portanto, algo físico, que no fundo nos leva diretamente para o mundo fora de nós. E se os senhores observarem que o sentido da audição é realmente muito exterior em relação à totalidade de nossas vivências orgânicas logo chegarão à conclusão de que devem entender o sentido da audição de maneira diferente do que, por exemplo, o sentido da visão. No caso do sentido da visão, simplesmente a partir da observação do órgão envolvido, o olho, os senhores logo poderão ver que, aquilo que é transmitido é em grande parte um processo interior, pelo menos relativamente é um processo interior.

Quando dormimos, fechamos os olhos, mas não os ouvidos. Em situações como essa, que constituem fatos triviais e comuns, expressa-se contudo algo profundamente significado para a totalidade da vida do ser humano. E assim como durante o sono somos obrigados a fechar o nosso interior, porque não devemos vivenciar nada através do olhar, não somos obrigados a fechar os ouvidos, porque como os ouvidos vivemos no mundo exterior de maneira muito diferente do que com os olhos. Os olhos são mais partes integrantes do nosso interior {do que os ouvidos}. A percepção visual é muito mais dirigida para o interior do que a percepção auditiva. Isso não tem a ver com a sensação auditiva. A sensação auditiva, que constitui a base da musicalidade, é algo bem diferente do que o verdadeiro processo auditivo.

Os sentidos que fundamentalmente, diria eu, transmitem o exterior e o interior são sentidos acentuadamente exteriores (veja desenho à página três). Os sentidos que, digamos assim, estão no limiar entre o exterior e interior, que permitem vivenciar tanto o interior quanto o exterior, são os quatro próximos sentidos: do calor, da visão, do paladar e do olfato. Se os senhores tentarem se representar vivamente toda a soma de vivências que surgem através desses sentidos, verão que, de um lado, tem-se uma vivência do mundo exterior, mas que, ao mesmo tempo, ocorre uma vivência do mundo interior dos senhores.

Se os senhores beberem vinagre, e portanto passam a observar o sentido do paladar, têm, por um lado, com toda certeza uma vivência interior do vinagre e, por outro, uma vivência voltada para fora, que pode ser comparada, por exemplo, à vivência de um Eu exterior ou de uma palavra. Mas seria muito ruim se no mesmo sentido se misturassem a vivência interior e, digamos, a vivência de se ouvir uma palavra. Reparem os senhores que, quando bebem vinagre, enviesam o rosto, o que mostra que os senhores têm uma vivência interior e uma exterior, que as duas se encontram.

Se ocorresse o mesmo com as palavras, quando por exemplo os senhores ouvem uma palestra e tiverem a mesma vivência do que quando bebem vinagre ou um vinho da {região na Alemanha do rio} Mosela, aí então os senhores nunca teriam entenderiam clara e objetivamente as palavras proferidas por outra pessoa. Da mesma maneira como os senhores têm uma vivência interior desagradável ao beber vinagre, e uma agradável no caso do vinho da Mosela, assim também os senhores matizam as vivências exteriores. Os senhores não devem matizar as vivências exteriores quando, por exemplo, captam as palavras de outras pessoas.

Pode-se dizer que, no momento em que a pessoa vê as coisas corretamente, destaca-se o elemento moral. Aliás, em relação ao sentido do Eu, mas também ao sentido do pensar, pode-se dizer que algumas pessoas estão tão profundamente inseridos nos sentidos intermediários – nos sentidos do calor, da visão, do paladar e da audição -, que também julgam as pessoas ou os seus pensamentos. Essas pessoas, portanto, não ouvem de jeito nenhum as palavras de outras pessoas ou captam seus pensamentos, mas percebem, digamos assim, como se fossem um vinho da Mosela, vinagre ou qualquer outra bebida ou comida.

Aqui vemos como algo moral simplesmente surge a partir de uma forma de observação completamente amoral. Vejamos o caso de uma pessoa cujos sentidos da audição, mas principalmente da palavra, do pensamento e do Eu se formaram deficientemente. Podemos dizer que uma pessoa assim vive sem cabeça, ou seja, ela usa os sentidos da cabeça da mesma forma como usa os sentidos que tendem para o animalesco. O animal não pode captar objetivamente, assim como é possível captar objetiva e subjetivamente através dos sentidos do calor, da visão, do paladar e do olfato. O animal cheira. Os senhores podem imaginar que o animal muito pouco pode se representar objetivamente do que tem à sua frente, digamos, através do sentido do olfato. Esse é uma vivência altamente subjetiva. Claro, todos os seres humanos têm os sentidos da audição, da palavra, do pensamento e do Eu. Mas aqueles que estão presentes com toda a sua organização nos sentidos do calor e da visão, mas especialmente nos sentidos do paladar e até do olfato, eles mudam todo o ambiente conforme o seu gosto ou seu olfato subjetivo. Situações assim podemos vivenciar diariamente na vida, não é verdade?

Se os senhores quiserem um exemplo, poderiam observar que existem pessoas que não podem de jeito nenhum vivenciar objetivamente, mas vivenciam tudo através do que geralmente se vivencia por meio dos sentidos do paladar e do olfato. Os senhores podem ver isso no mais recente folheto do pastor Kully³. Ele não está de jeito nenhum em condições de captar {objetivamente} as palavras ou os pensamentos de outras pessoas, ele capta tudo como quem bebe vinho ou vinagre ou come algum alimento. Tudo é uma vivência subjetiva.

Neste sentido, torna-se imoral quando alguém desloca um sentido superior para baixo até um dos sentidos inferiores. Existe a possibilidade de estabelecer uma relação entre a moral e uma visão de mundo, enquanto que na atualidade o elemento destrutivo que corrói toda a nossa civilização é que não se sabe criar uma ligação entre a chamada lei da natureza e o que é chamado de moral. Passando para os próximos quatro sentidos, para os sentidos do equilíbrio, do movimento, da vida e do tato, chegamos aos sentidos que são eminentemente interiores. A princípio, temos aqui sentidos eminentemente interiores, pois o que o sentido do equilíbrio transmite é o nosso próprio equilíbrio, o sentido do movimento nos transmite o estado de movimento no qual nos encontramos. O nosso sentido da vida é a percepção geral de como os nossos órgãos funcionam, se eles são úteis ou danosos na nossa vida e por aí afora.

No caso do sentido do tato, isso pode ser enganoso. Contudo, quando os senhores tocam algo têm como uma vivência, uma vivência interior. Os senhores, por exemplo, de certa forma não sentem o giz, mas sim como a pele se contrai, se me for permitido expressar-me assim de maneira grosseira. Claro que o processo pode ser caracterizado muito mais finamente. O fundamento dessa vivência é a reação da própria vida interior dos senhores a um evento exterior. Este processo só acontece desta forma na vivência tátil.

³ O folheto *Os segredos do templo de Dornach* foi escrito por Maximilian Kully, padre católico de Arlesheim, município vizinho a Dornach, sede da Sociedade Antroposófica, na Suíça. Ele divulgou sob diferentes pseudônimos, entre eles o de “Espectador”, artigos incitando ao ódio contra a Antroposofia.

Aliás, no caso do último grupo dos sentidos, isso é modificado por algo diferente. Os senhores devem ser lembrar naquilo que eu disse aqui algumas semanas atrás⁴. Se os senhores considerarem aquilo que o ser humano percebe através destes quatro últimos sentidos, verão que, apesar de que a pessoa percebe o próprio movimento e o próprio equilíbrio como sendo claramente percepções subjetivas no seu interior, elas são processos absolutamente objetivos. Isso é o mais interessante nisso tudo.

Nós percebemos tudo isso interiormente, mas o que percebemos são coisas objetivas, pois, do ponto de vista físico, é indiferente se, digamos, uma madeira ou uma pessoa se movimenta, se é a madeira ou a pessoa que está em equilíbrio. O mundo físico exterior nos seus movimentos observa a pessoa em movimento da mesma forma como observa uma madeira, e igualmente quanto ao equilíbrio. Considerando o sentido da vida, em todo caso no inicialmente não é assim em relação ao mundo exterior, aparentemente não é assim, mas é assim que o nosso sentido da vida transmite processos absolutamente objetivos.

Imaginem os senhores um processo numa retorta, ele ocorre conforme determinadas leis e pode ser objetivamente descrito. Aquilo que o sentido da vida percebe é um processo assim, que é levado para o interior. Quando esse processo como um processo absolutamente objetivo está em ordem, o sentido da vida transmite-o aos senhores. Se o processo não estiver em ordem, o sentido da vida também o transmite aos senhores. Mesmo quando o processo ocorre no interior da pessoa, o sentido da vida o transmite. Concluindo, um processo objetivo não tem inicialmente nada mesmo a ver com o conteúdo da vida anímica do senhores.

O mesmo se dá com o sentido do tato. Quando nós realmente tocamos algo, ocorre sempre uma mudança orgânica no nosso interior. A nossa reação é uma mudança orgânica em nosso interior. Portanto, O que mostramos com esses quatro sentidos é realmente algo objetivo, algo que nos coloca como seres humanos assim no mundo como os entes objetivos que, no fundo, somos, que também podem ser vistos exteriormente no mundo sensorial. Assim, podemos dizer que esses são sentidos especialmente interiores, mas o que percebemos através deles é para nós assim como o que captamos exteriormente no mundo. Para o desenrolar físico dos acontecimentos não tem a menor importância se, afinal de contas, movimentamos um pedaço de madeira ou uma pessoa se movimenta no mundo exterior. O sentido do movimento está aí somente para que, aquilo que ocorre no mundo exterior, também seja percebido pela consciência subjetiva.

Portanto, os senhores vêm que justamente os sentidos especialmente externos são realmente subjetivos. O que é percebido por eles deve ser transmitido ao interior da nossa humanidade. Eu diria o grupo intermediário dos sentidos apresenta um movimento pendular entre o mundo interior e o mundo exterior. O último grupo dos sentidos nos permite ter uma vivência especial do que nós somos, na medida em que pertencemos ao mundo e não a nós mesmos. Esta observação pode ser ampliada e, assim, pode-se encontrar muito que é característico de um ou outro sentido.

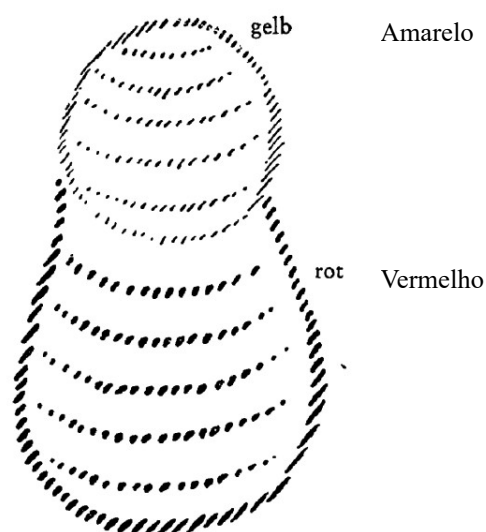
Só é preciso conhecer o pensamento de que a teoria dos sentidos não deve utilizada para descrever somente conforme os rudes órgãos dos sentidos, mas segundo uma análise do campo das vivências. Efetivamente, não é de jeito nenhum correto {dizer que}, por exemplo, não existe um órgão exclusiva do sentido da palavra, mas simplesmente que a convencional fisiologia materialista não pesquisa no mesmo sentido como o faz, digamos, com o órgão da audição. O sentido do pensar também existe, mas não é pesquisado da mesma forma como se faz com o sentido da visão.

⁴ Veja a palestra de 3 de julho de 1921 no ciclo de palestras *O dever do ser humano, da alma e do espírito cósmicos I*, GA 205, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, segunda edição, 1987.

Se contemplarmos o ser humano desta maneira, vai chamar poderosamente a nossa atenção que, na verdade, a vida que em termos convencionais chamamos de vida anímica está ligada, digamos assim, aos sentidos superiores. Se quisermos abranger o que no sentido convencional da palavra chamamos de vida anímica, quase não podemos avançar {se ficarmos restritos aos conceitos} do sentido do Eu até o sentido da visão. Se os senhores se lembrarem de tudo o que os senhores têm por meio dos sentidos do Eu, do pensar, da palavra, da audição, do calor e da visão, então poderão abranger aproximadamente aquilo que é chamado de vida anímica⁵.

Desses sentidos especialmente exteriores, das qualidades desses sentidos especialmente exteriores, emerge ainda algo no sentido do calor, do qual na vida anímica somos muito mais dependentes do que geralmente pensamos. O sentido da visão tem um gigantesco e amplo significado para a totalidade vida anímica. Mas com o sentido do gosto, com o sentido do olfato, já descemos ao nível animal e adentramos a nossa corporalidade com os sentidos do equilíbrio, do movimento, da vida e por aí afora. De certa maneira, eles já captam totalmente no interior aquilo que não mais pertence à nossa vida anímica.

Se quisermos desenhar esquematicamente a essência humana, deveríamos fazer assim. Deveríamos dizer que englobamos a região superior e no seu interior repousa realmente a nossa vida interior (desenha no quadro negro com a cor amarela). Essa vida interior não poderia estar aí se deixássemos de ter os sentidos exteriores. O que seríamos nós como ser humano, se não tivéssemos outros Eus^{NT} ao nosso lado? O que seríamos nós como seres humanos se não pudermos nunca captar palavras, pensamentos e por aí afora? Os senhores podem imaginar isso. Em contrapartida, o que fica para trás do sentido do paladar, isso {a pessoa} capta interiormente e inicialmente transmite processos para o interior (vermelho). Mas estes serão gradualmente mais e mais imprecisos. Com certeza, o ser humano deve ter uma percepção absolutamente clara no seu próprio equilíbrio. Caso contrário, sente-se impotente e cai no chão. Cair impotente no chão significa para o sentido do equilíbrio o mesmo que a cegueira é para os olhos.



NT: A regra culta em português indica que todo substantivo singular terminado em vogal passa a ser usado como plural pela adição da letra s ao final da palavra. Assim, caju = cajus. E, portanto, Eu = Eus, ou seja um conjunto de Eus individuais. Entretanto, quando utilizado como pronome pessoal, o plural da palavra eu vem a ser nós.

5 Veja rodapé da página 2.

Mas não está claro o que esse sentido transmite. Eu diria que o sentido do paladar ainda se desenvolve de certa forma na superfície, e é por isso que se tem claramente consciência do sentido do paladar. Mas, embora todo o nosso corpo, especialmente com exceção do sistema locomotor, tem a experiência do sabor, poucas são as pessoas que conseguem sentir o gosto dos alimentos que já se encontram no estômago, porque hoje nesse sentido, bom, como eu posso dizer, pouco tem sido desenvolvido em termos de civilização, cultura ou, até poderia dizer, em termos de saber apreciar o sabor de um alimento.

Pouquíssimas pessoas podem sentir o sabor dos diversos alimentos que já se encontram no estômago. Eles ainda são sentidos em outros órgãos. Mas, assim que os alimentos chegam ao estômago, é absolutamente indiferente para a maioria das pessoas que gostos têm, embora inconscientemente o sentido do paladar persiste muito claramente ao longo de todo o aparelho digestivo. Na verdade, o ser humano na totalidade degusta aquilo que ele come, mas torna-se imediatamente insensível quando a cabeça recebe a informação do que comeu. O ser humano na totalidade desenvolve através do seu organismo o sentido do olfato e a atitude passiva perante os corpos cheirosos.

Por sua vez, este sentido concentra-se, diria eu, no que é mais evidente, enquanto que realmente o ser humano como um todo vê-se tomado por uma flor aromática ou por qualquer outra substância cheirosa. Justamente quando se sabe como os sentidos do paladar e do olfato perspassam o ser humano na totalidade é que também se sabe que, nessa vivência olfativa e degustativa, está embutido a forma como se estende para o interior da pessoa e assim ela se afasta de qualquer concepção materialista, quando, por exemplo, se sabe como se chama o que a pessoa degusta. Quando a pessoa toma consciência de que esse processo degustativo passa por todo o organismo, então a pessoa não está mais em condições de descrever de maneira meramente química o processo de digestão que se segue, assim como hoje em dia ele é apresentado pela ciência materialista.

Por outro lado, não se pode negar que existe uma enorme diferença entre o que aqui no desenho é mostrado com a cor amarela e o que aqui desenhei esquematicamente com a cor vermelha, essa enorme diferença entre o conteúdo da nossa vida anímica gerada, por um lado, pelos sentidos do Eu, da palavra e outros e, por outro, pelas vivências que temos por meio dos sentidos do paladar, do olfato, do movimento, da vida e outros. É uma diferença enorme, radical.

Os senhores poderão perceber da melhor maneira possível quando tiverem a consciência de que os senhores captam como vivenciam em si mesmo, quando os senhores, digamos assim, escutam as palavras de uma outra pessoa ou quando ouvem um som. Aquilo que os senhores vivenciam em si mesmo inicialmente não tem o menor significado em si, não tem o menor significado para o processo exterior. Como se o sino se importasse porque os senhores o ouvem tangendo! O que se dá é apenas a ligação entre o processo que ocorre com o sino e a vivência dos senhores, na medida em que os senhores o ouvem.

Não se pode dizer o mesmo quando se refere ao processo objetivo do paladar ou do olfato ou até, digamos, do tato. Aí se dá um processo cósmico. Os senhores não podem separar o que ocorre no organismo dos senhores do que se passa na alma. Nesse caso, os senhores não podem dizer como no caso do sino: “o que importa ao sino que tange se os senhores o ouvem!”. Portanto, os senhores não podem dizer: “o que importa ao processo que acontece na língua, com o que os senhores vivenciam quando bebem vinagre!”. Os senhores não podem dizer isso, porque aí predomina uma relação íntima. É quando um processo objetivo está unido a um processo subjetivo.

Os pecados que a moderna Fisiologia comete nesta área beiram um nível escandaloso, porque realmente um processo como o do paladar apresenta-se para a alma da mesma forma como, digamos, o da visão ou da audição. Existem ensaios filosóficos que de forma simples falam em geral das relações das propriedades sensoriais com a alma. Locke e mesmo Kant falam em geral de uma relação do mundo exterior sensorial com a subjetividade humana, enquanto que ocorre algo absolutamente diferente ao que é registrado a partir do sentido da visão para cima e a partir do sentido do paladar para baixo.

É impossível abranger essas duas áreas a partir de uma única teoria. E porque isso foi feito é que essa gigantesca confusão se instalou na teoria do conhecimento, que, aproximadamente a partir de Hume ou Locke ou até mais cedo ainda, praticamente destruiu os conceitos modernos até a moderna Fisiologia. Não é possível chegar {a conhecer} a natureza e a essência dos processos, e dessa maneira também não se chega à essência do ser humano, se se acompanhar as coisas a partir de conceitos pré estabelecidos e sem lançar mão de uma observação isenta.

Devemos ter claramente em mente que, por um lado, o ser humano tem evidentemente uma vida voltada para o seu interior, que ele a vive para si, na medida em que se relaciona simplesmente observando o mundo exterior. E, por outro, ele também percebe {o processo exterior} e, na medida em que percebe, passa a participar do mundo. Para concluir, se me for permitido me expressar de maneira radical, pode-se dizer que, aquilo que ocorre na minha língua na medida em que sinto o gosto de algo, é um processo que transcorre absolutamente objetivo em mim mesmo. E, na medida em que ele acontece em mim, é um processo cósmico.

Mas eu não posso dizer que a imagem que surge em mim porque eu olho algo é inicialmente um processo cósmico. Ele poderia não ocorrer e o mundo inteiro permaneceria como ele é. Essa diferença entre o ser humano superior e o ser humano inferior deve ser considerada. Se ela não for considerada, não será possível avançar em determinadas direções.

Nós temos verdades matemáticas, verdades geométricas. Uma observação humana superficial diz: bom, a pessoa tira a matemática da sua cabeça, ou de algum outro lugar, pois a verdade é que as representações mentais que as pessoas têm não são assim muito específicas. Mas isso não é assim. A matemática vem de regiões muito diferentes. E se os senhores observarem o ser humano verão as regiões de onde a matemática provém: são o sentido do equilíbrio e o sentido do movimento. É a partir dessas profundezas é que surge o pensamento matemático, às quais nós não podemos chegar, não podemos descer por meio da nossa corriqueira vida anímica.

Aquilo que nos eleva, aquilo que desdobramos em equações matemáticas, vive por baixo da nossa corriqueira vida anímica. E assim vemos que o elemento matemático realmente tem suas raízes naquilo que é igualmente o cósmico em nós. Nós somos realmente subjetivos somente com o que {no desenho da página três} vai do sentido da visão para cima. E criamos raízes no mundo com os sentidos que se encontram na parte inferior {do desenho}. Nós estamos dentro do mundo, mas com o que se encontra abaixo {veja o desenho} somos como um pedaço de madeira, assim como todo o resto do mundo exterior.

Portanto, não podemos nunca dizer que, por exemplo, a teoria do espaço poderia ter algo subjetivo, pois ela surge de nós, a partir do que em nós mesmo é objetivo. É o mesmo espaço que nós medimos enquanto andamos e que nos transmite os nossos movimentos, é o mesmo espaço que, quando, em sentido figurado, o levamos para fora de nós, o utilizamos naquilo que observamos. Não se pode falar do espaço como se pudesse ser algo subjetivo, pois ele não surge a partir da região de onde surge o subjetivo.

A minha maneira de contemplar que acabei de apresentar encontra-se simplesmente muito longe de tudo o que é o kantianismo, porque o kantianismo não conhece essa radical diferença entre essas duas áreas da vida humana. O kantianismo desconhece que o espaço não pode ser subjetivo, porque o espaço surge a partir da região do ser humano que é objetiva em si, perante a qual nós agimos objetivamente. Estamos apenas ligados ao espaço de uma maneira diferente do que com o mundo exterior, mas ele é o mundo exterior, é verdadeiramente o mundo exterior, e cada noite passa a ser principalmente o mundo exterior, na medida em que, dormindo, nos retiramos {dele} com a nossa subjetividade, com o nosso Eu e com o nosso corpo astral.

É necessário que se reconheça que de nada adianta reunir o maior número de fatos exteriores numa pretensa ciência, que depois deve fomentar a cultura, quando no interior de nossa representação e da nossa percepção do mundo existem conceitos totalmente confusos, quando não existem conceitos claros das coisas mais importantes. Esta é a tarefa imprescindível que temos pela frente, se quisermos enfrentar as forças da decadência e trabalhar rumo às forças ascendentes: devemos reconhecer que, acima de tudo, é necessário chegar a ter conceitos claros, nada de conceitos embaçados, mas conceitos claros. Devemos reconhecer plenamente que o desperdício de conceitos, o desperdício de definições, nada significa, mas sim {importa} a contemplação isenta da região dos fatos.

Nenhuma pessoa tem o direito, por exemplo, de limitar a região visual como algo que ela depois caracteriza como uma região sensorial, a menos que, ao mesmo tempo, digamos, separe a percepção das palavras como uma região semelhante. Tentem os senhores estruturar de tal forma a região da totalidade da experiência, como eu já fiz frequentemente, e verão que não devem dizer o seguinte: “nós temos olhos, portanto temos o sentido da visão e contemplamos o sentido da visão”.

Mas os senhores deverão dizer: “certamente, existe alguma relação de porque é que a visão tem órgãos marcadamente físicos e sensoriais, mas isso não justifica limitar a região da visão onde existem órgãos físicos claramente perceptíveis”. Esta observação ainda não leva a alguma forma de contemplação superior, mas somente àquilo que ocorre na corriqueira vida do ser humano. Chegamos ao que é importante quando realmente passamos a discernir entre o que é subjetivo no ser humano e o que é a vida anímica interior do ser humano, no qual ele de fato dorme.

O ser humano é um ente cósmico em relação, por exemplo, a tudo o que os seus sentidos transmitem, aí ele é um ente cósmico. Na sua vida anímica convencional, os senhores nada sabem do que acontece quando levantam o braço, pelo menos enquanto não se utiliza a contemplação superior. É o desenvolvimento da volição. É um processo que se encontra fora dos senhores tanto quanto qualquer outro processo exterior. Contudo, está intimamente ligado aos senhores. Mas se encontra fora da vida anímica dos senhores. Em contrapartida, não é possível ter uma representação mental disso sem utilizar a nossa consciência. Portanto, se os senhores ligarem essas três regiões entre si, têm algo mais.

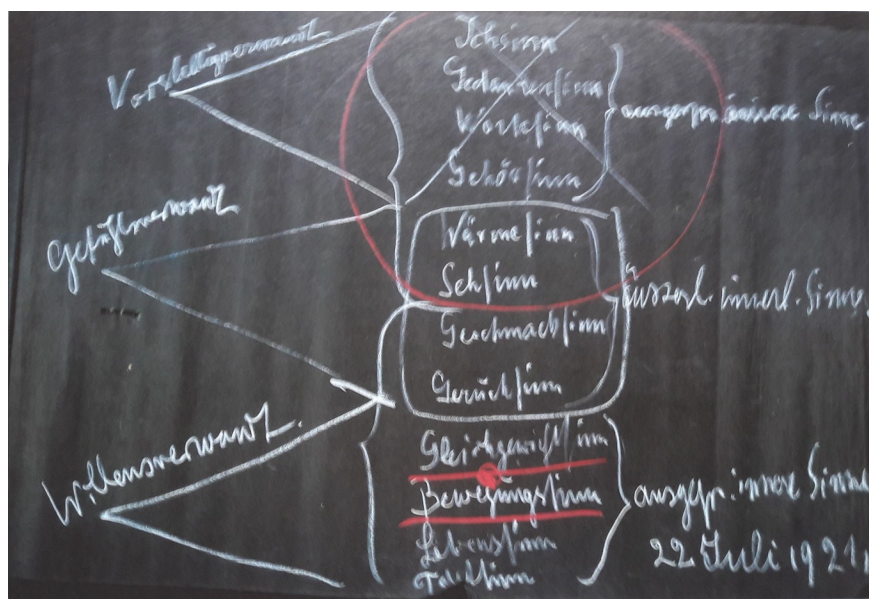
Na medida em que os sentidos do Eu, do pensar, da palavra e da audição participam da vida anímica, eles transmitem aos senhores o que, no sentido mais eminente, está aparentado com a representação. No mesmo sentido, tudo o que tem a ver com os sentidos térmico, da visão, do paladar e do olfato está aparentado com os sentimentos. Em alguns casos, isso não é muito evidente, como por exemplo, com o sentido da visão. No caso dos sentidos do paladar, do olfato e térmico é evidente, mas quem procurar com relação ao sentido da visão também vai encontrar isso.

Por outro lado, tudo o que se relaciona aos sentidos do equilíbrio, do movimento e da vida, mas também ao sentido do tato, está aparentado com a volição, mesmo que, no caso do sentido do tato, seja difícil de se observar, pois ele se retrai ao interior {da pessoa}. Na vida humana, tudo é mesmo aparentado entre si e, por sua vez, também passa por metamorfoses.

Assim, hoje eu tenho tentado dizer resumidamente aos senhores aquilo que já tinha apresentado nas mais variadas oportunidades, para que possamos alinhar às observações de amanhã e de depois de amanhã.

* GA 206 O devir do ser humano, a alma cósmica e o espírito cósmico II. O ser humano como ente espiritual no processo histórico Rudolf Steiner Verlag, Dornach, terceira edição, 1981.

Fotos dos desenhos originais da palestra de 12 de julho de 1921



Desenho original, que corresponde à página três desta tradução.



Desenho original, que corresponde ao da página sete desta tradução.

As fotos constam do livro *Rudolf Steiner Wandtafelzeichnungen zum Vortragswerk VII*, páginas 34 e 35, respectivamente, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1989.